

XXI

A formação do lexico

Em rigor, poderíamos começar o estudo historico do portuguez com o latim vulgar. Entretanto, as terras que os romanos colonizaram eram habitadas por povos barbaros, que já possuíam costumes e lingua propria que não devemos esquecer: iberos e celtas e a gente phenicia e grega, que se entregavam ao commercio.

Reconhecido esse primitivo *stratum* de que restam fugitivas e escassas sobrevivencias, podemos já com mais seguro passo estudar o dominio romano.

Quando foram depois romanizados os iberos, uma estirpe ao menos desenvolveu a cultura propria, a dos Turdetanos: os quaes (fala Strabão) cultivavam a poesia e a historia, e se regiam por leis escriptas em versos.

Quasi dous seculos antes de Christo (no anno 197) foi a Espanha conquistada e feita provincia; antes d'ella apenas a Sicilia, a Corsega e a Sardenha eram provincias romanas. Conforme o systema de Roma, colonias e guarnições militares occuparam o paiz que novas estradas rasgaram ao trafego das legiões e do commercio.

A lingua latina, na sua fôrma popular, o *sermo quotidianus, proletarius, rusticus, vulgaris*, dentro em breve ahi se propagou como nas terras conquistadas.

Para a Roma imperial, Espanha não era só a rica região dos metaes; legiões de recrutas de lá vinham para o exercito romano (Mommsen, *Hist.*, V), e no tempo de Vespasiano estendeu-se a todas as populações ispanicas a cidadania e o direito civil. Desde a idade de Cicero ha escriptores latinos, de nascimento iberos, e mais tarde um d'elles e notavel é Quintiliano.

A conquista romana foi de certo difficil e penosa, como incomparavel foi a reacção de Viriato e de Sertorio. Mas a

submissão, quando feita, foi completa e decisiva, e ao cabo, os espanhoes acceitaram com facilidade e alegria o antigo imperio.

No que respeita a Portugal o nucleo primitivo de romanização foi provavelmente o norte onde se gerou mais tarde o nucleo da nacionalidade independente; talvez dessa circumstancia resultem as differenças que ainda hoje se observam nos quasi dialectos continentaes do portuguez: o *interamnense* (entre Douro e Minho), o *trasmontano*, o *beirão* e o *algarvio*, que representam por assim dizer a marcha historica da expansão nacional no extremo occidente da peninsula.

O latim que então se diffundia pelas provincias não era o que conhecemos dos monumentos literarios antigos. O latim viço, do povo, differia consideravelmente da lingua literaria; e foi, qual o sabemos pela referencia dos escriptores e pelas inscrições populares, o verdadeiro germen d'onde se evolveram as linguas romanas de hoje.

Fórmãs plebeias transparecem na mesma linguagem dos eruditos, como a variação do accento, *abiète* em Ennio, *mulíèrem*, *tencbra*, *colóbra*; os procliticos *ille* e *iste* atonos em Plauto. Muitas das fórmãs vulgares hoje conferidas com as nossas, d'estas pouco differem: *fomes*, por *fames*; *peius*, *pejus*; *plóvere*, *jovenis*, *boem* (bovem), *caldus*, *viridis*, *postus*. As conjugações perdem, conforme os logares, os seus antigos paradigmas; confundem-se os infinitivos em *ère* e *ëre*, ou alguns d'elles adoptam a desinencia *ire* (*sequire*, *petire*, *morire*). Varios radicaes agrupam-se num só sentido: *ser* (*esse*, *sedere*); *ir* (*vadere*, *ire*); *potere* diz-se na Iberia. A declinação successivamente vae minguando, se uniformiza ou desaparece. (1) O primeiro caso que desaparece é o genitivo, já entre o I e II seculo da era christã (excepto nos compostos, como *luna dies*); o accusativo é o unico que resiste a todas as vicissitudes e dá o modelo das fórmãs actuaes. Redistribuem-se os neutros pelos masculinos ou femininos. O comparativo fica com as duas fórmãs de *plus* (em Sidonio Apoll. *Avitus* — e no ital. e fr.) e de *magis* (já em Orosius — e no port. e esp.). Nos livros sagrados occorre o *kata* grego, que substitue *quisque*; e desde o tempo de Cesar *totus* con-

(1) O latim vulgar conserva 3 declinações, em *a*, *rosa*. *o*, *caballus* em *e* (*mons*, *montis*). Veja A. Zauner — *Rom-Spr*, I, e Savy-Lopez — *Le Origini neolitine*.

corre com *omnis* e o supplanta. Verbos novos formam-se dos particípios dos antigos, como *ausare* (audere), *cantare* (canere); e expande-se o uso então restricto de alguns suffixos, como *ale*, já em Ovidio (*crinale*) e em Plínio (*brachiale*). Em geral as palavras curtas são substituídas por outras mais longas (*bucca* e não *os*).

A importancia do latim ainda mais augmentou com a victoria do christianismo e com o prestigio dos doutores da igreja, que, com escandalo dos grammaticos, fazem questão de ser entendidos pela plebe, e honraram a lingua vulgar em que falavam e escreviam. Aos grammaticos dizia S. Jeronymo: *Melius in barbarismo nostro nos intelligitis quam in nostra disertudine deserti eritis* (Psalm. 36). (1)

O dominio latino é definitivo para a civilização da Espanha. Tudo quanto vier depois será accidental e não lançará raizes; o trabalho de seis seculos da cultura romana ainda continuou latente sob a egide dos godos, que tudo haviam a aprender dos vencidos e do imperio aniquilado.

A conquista germanica data do tempo das grandes invasões dos barbaros, do seculo V, e, posto não conseguisse annullar os effeitos do longo dominio romano, deixou na linguagem numerosos vestigios. Propriamente, o genio da lingua conserva-se intacto, e d'ahi por diante todo o influxo dos povos conquistadores limita-se ao vocabulario. Ainda assim, é difficil distinguir, não raras vezes, o vocabulo germanico do latino, attenta a natureza congenita das duas linguas (como nas palavras *ratto*, *kattu*, *flaska*, etc., e ainda em *vadum* e *wado*; *vae!* e *guai!*).

Das varias estirpes germanicas, suevas, vandalas (2), etc., é a dos visigodos a que predomina na Espanha; monumentos

(1) Veja-se o que dissemos a proposito do latim da igreja primitiva na nossa *Selecta Classica*, nota. E ainda mais na larga parte que nos são applicaveis as reflexões de Fr. Kluge no capitulo — *Unser æltestes Christentum* — do seu livro *Wortforschung und Wortgeschichte*, 134 e seg.

Tambem de interesse — *Isidore of Seville* by. E. Behant — New-York, pgs. 89-104.

(2) Os *Alanos* são scythas e não germanos, e o dominio d'elles foi rapido e precario. O influxo dos *Suevos* é mais do que qualquer outro notavel na Galliza.

que nos legaram directamente não existem, a não se contarem os nomes próprios e as legendas de algumas moedas; a sua antiga lei, *Lex visigothorum*, possuímos-a em latim.

As palavras germanicas do portuguez são communs ás linguas romanas; algumas, porém, são exclusivas da península: *fato, fona, tasca, sitio*.

O principal resultado dos influxos barbaros, posteriores ao latim, foi a *deturpação dos antigos casos e flexões*, o que determinou grande extensão da *analogia* e a necessidade da ordem chamada *directa*, processo já iniciado no latim vulgar.

Durava já quatro seculos o dominio vesigothico quando um guerreiro arabe, Tarik, transpondo o estreito que separa a península da Africa (*Gebel-al-Tarik*), anniquilou o exercito godo do rei Rodrigo. A conquista arabe manteve-se desde o seculo VIII até a propria dissolução que por toda a parte se consummou, já no rosiclér da idade moderna.

Tambem a lingua arabe, como o germanico, apenas contribuiu para o lexico, e nem de leve affectara a syntaxe do idioma. Portugal mais cedo que a Espanha se libertara do jugo dos islamitas.

Assim, conservando o character e o genio da lingua latina em todos os accidentes que soffreu a historia da Europa na transição do mundo antigo para a civilização moderna, apresenta-se já no seculo XIII com as feições essenciaes que conservará para sempre. D'ahi por diante a evolução do portuguez começa a ser trabalhada e disciplinada pela literatura, cujo periodo aureo no seculo XVI coincide com o apogeo politico da nacionalidade.

Não temos ainda, infelizmente, a chronologia exacta ou sequer approximada, dos velhos monumentos da lingua portugueza antiga; falta-nos a edição diplomatica, e ainda menos temos a edição revista do maior numero d'elles.

"Os primeiros textos de lingua portugueza passam por ser a *Noticia de Torto...* e a *Noticia de partiçon*, do seculo XII. e os *Foraes* de Castello Rodrigo, do seculo XIII, em prosa. Varios monumentos literarios em verso existem dos seculos XIII e XIV, que representam a feição da antiga lingua; taes são: o *Cancioneiro da Ajuda*, o *Canc. da Vaticana*, publ. em duas edições, a de Monacci e a de Th. Braga; e o *Canc. Colocci*.

"A cultura grammatical começou no seculo XVI com as grammaticas de F. Lopez e de João de Barros. Sobre a lingua antiga, a obra excellente de Viterbo (*Elucidario*, de

Lisboa, 1798) é ainda hoje o monumento mais consideravel levantado ao estudo do portuguez archaico...

"Póde-se fixar nos começos do seculo XIII o pleno desenvolvimento da lingua portugueza antiga ou *romance*, quando já o povo pouco ou quasi nada entendia do latim barbaço, ainda usado nos documentos de origem official e da praxe dos cartorios. Já desde muito tempo o latim dos documentos era completamente facticio, e é o que se vê pela introdução naquelles papeis de fórmãs vulgares do romance, que não podiam ser traduzidas, e é facil verificá-lo nas cartas de doações e nas proprias leis municipaes. Os documentos que devemos dar como excerptos caracteristicos da lingua d'esse tempo, abrangem o periodo dos seculos XIII e XIV, e são de duas naturezas bem distinctas. Os documentos em verso, na maioria, representam a phase da escola provençal portugueza. Foram escriptos e fazem parte do cyclo d'essa poesia no occidente da península, e acham-se colleccionados nos poucos cancioneiros do tempo. Os documentos em prosa são anonymos, e constam principalmente de titulos, ordenações e leis do tempo, e o mais que se considera como textos authenticos e mais puros da lingua da epoca a que se referem. Encontram-se manuscriptos em varios archivos do reino de Portugal, e acham-se publicados em parte na colleccanea *Portugalia Monumenta Historica*, editada em Lisboa pela Academia das Sciencias. Alguns actos publicos, geraes, leis, etc., como monumentos legislativos, datam do sec. XIII, mas como documentos philologicos datam dos fins do seculo XIV, pois representam claramente versões de textos originaes, redigidos em latim, e que já não existem. D'essas versões ha variantes e diversos codices de importancia para o estudo da lingua.

"Depois da disciplina classica realizada pelos fins do seculo XV e em todo o seculo XVI, a evolução do portuguez tornou-se lenta e quasi toda promovida pela irresistibilidade ao progresso de outras literaturas, nomeadamente da franceza. Assim, pois, continuam intensas as alterações syntacticas, mas as phoneticas são realmente pouco notaveis." (1)

(1) *Dicc. Grammatical* (2.^a ed.) — Do A. Leia-se a pequena chrestomathia do portuguez antigo, que serve de introdução á minha *Selecta Classica*.

Na sua *Gramm. historica portugueza*, José Joaquim Nunes adopta, sem prejuizo do que aqui apontamos, a denomina-

Resumidamente, podemos assim fixar os periodos historicos da lingua, tendo em vista sua historia literaria:

Periodo archaico. — A Iberia e a Lusitania. Estabelecimentos phenicios e gregos nas costas do occidente. Conquista da Lusitania pelos romanos. Invasão dos barbaros germanos. Invasão dos semitas, arabes (periodo prehistorico).

A — *Periodo de origens.* — Seculos XII a XIV. Epoca de formação do portuguez antigo. Lingua dos Trovadores.

B — *Periodo de transição.* — Sec. XV. Modificação do portuguez antigo, por influencia dos prosadores.

C — *Periodo classico.* — Sec. XVI—XIX. Apogêo e fixação da lingua grammatical e literaria.

a) Sec. XVI—XVII. Lingua classica.

b) Sec. XVIII. As Academias. Influxo francez.

c) Sec. XIX. Renovação romantica.

No resumido registro de vocabulos que vamos adiante fazer e prenunciam grandes riquezas do lexico, é preciso notar que a chronologia d'elles é bastante varia e difficil de determinar. Ha vocabulos latinos (e gregos) e germanicos que nos vieram por meio do francez e em differentes momentos da historia. Relações commerciaes e outras necessidades, ao par da literatura e da sciencia, produzem efeitos identicos aos da conquista politica. As colonias portuguezas no antigo e no novo mundo, na Asia, na Africa e na America, em contacto com as populações d'esses recantos, trazem novo subsidio ao vocabulario da lingua da metropole.

O germanico. — Os vocabulos germanicos do portuguez foram introduzidos pelas nações gothicas que dominaram por seculos a peninsula. Naturalmente latinizaram-se e accommodaram-se, quanto possivel era, ás condições da phonetica latina. Em geral, são esses vocabulos dicções de differentes es-

ção de *phase prehistorica* que a formação plausivel da lingua anterior aos documentos que possuímos e a *phase proto-historica* do seculo IX ao XII em que o portuguez apenas transparece nos documentos redigidos em latim barbaro.

pecies, predominando, todavia, e como convinha á raça dos conquistadores, os termos da vida e da arte militar, os títulos de nobreza e mais tarde os vocabulos da arte da navegação.

Exemplos: *elmo, arauto, guerra, baluarte, bordo, norte, sul, léste, oeste, brandir, droga, albergue, rossim, rato, tregua, trapo, tocar, marchar, brida, abandonar, bandeira, bando, braga, banhos (matrimoniaes), brasa, tira, roubar, franco, feudo, feudal, orgulho, quilha, guisa, bruno, etc.*

Os termos germanicos nos documentos coevos da dominação goda apparecem latinizados: *mariscalus* (marechal), *quilha, robare, abandonare, bandaria, arautus, etc.* (1)

O arabe. — Depois dos godos vieram os arabes, que dominaram tambem durante seculos. Muitos vocabulos d'essa origem foram implantados no portuguez e são nomes de cousas, da industria, commercio e artes. Muitos dos nomes, conforme a indole da lingua, vieram prefixados com o artigo *al*: *alviçaras, alfandega, algebra, alfelôa, algalia, almo-creve, alfenim, fouveiro, zero, zenith, nadir, xarope, laranja, assucar, auge, cifra, enxaqueca, xadrez, xeque, azougue, etc.*

Varias dicções que vieram de fórmulas arabicas têm origens differentes, como *xadrez, julepo, azul*; termos persas; *alchimia* é termo grego (*chêmeia*), adoptado pelos arabes. Sem contar os archaismos, haverá uns 600 vocabulos arabes no portuguez, na maior parte substantivos. São arabes a interjeição *oxaló* (*insh-Allah!*, queira Deus) e o adverbio *debalde* (ar. *batila*, coisa inutil).

Alguns termos d'essa origem foram tomados do grego: *abenus*, de ebenos; *adarme* e *adaramé*, de drachmé; *alcaparra*, de kápparis; *quilate*, de karation; *alambique*, de ambiko; e muitos outros termos da cultura grega conhecida dos arabes. Notem-se as fórmulas divergentes: *alarve, alarabe, arabe*; *alcouce* e *alcoceifa*; *alcool* e *alcofor* (antimonio); *arraes* e *rez*; *zenith* e *azimuth*; *almoravidas* e *maravedis*. Notem-se as mudanças de sentido: *ceifa* (de *açorçayfa*), o estio ou verão; *alcool*, que significava pó subtil e fino; *cafre* (de cáfiz), o infiel; *tomim*, de *thomn*, a oitava parte. Arroba (de *ar-rub*), a quarta parte (Conf. *Dozy* e *Engelmann* e *Devic*). (2)

(1) Meyer-Lübke — *Introd. a glottol. romanica* — trad. A. G. Judice. Em melhor ed. a de Americo Castro.

(2) *Id.* e Eyguilas Yangas — *Glossario*.

O arabe e o germanico com o latim são, por assim dizer os elementos fundamentaes que presidiram á gestação da lingua.

Do seculo XIII por diante, depois de constituida a lingua portugueza, em diversos periodos do seu desenvolvimento, a influencia de linguas estranhas fez-se sentir em todo o vocabulario.

Francez. — Desde os primeiros tempos tem o francez fornecido cópia extraordinaria de vocabulos: *chapéo, chaminé, chefe, petipé* (petit-pied), *honor, oboé* (haut-bois), *vasculho* (bas-cull), *tiragem, brochura, golpe de estado, espirito* (no sentido de *chiste*), *obra-chefe* (chef-d'œuvre), *etiqueta, sangue-frio* (sang-froid), *blusa, bonné, paletot, rosiclér*, etc.

Muitos dos vocabulos, em primeira linha os recentes, conservam a fórma orthographica pura: *crayon, bouquet, mise-en-scène, blasé, boudoir, élite, soirée, vis-à-vis, tête-à-tête*, etc. O elemento francez é, sem contestação, nos ultimos tempos, o maior factor barbaro da grammatica e do vocabulario. Por influxo do francez, o portuguez é hoje mais analytic do que nos tempos classicos; a phrase vernacula vae perdendo o habito das inversões; os vocabulos têm soffrido continuamente modificações de sentido, com mais desprimóres que beneficios.

Já desde os tempos do portuguez antigo se nota a influencia do francez em vocabulos hoje archaicos, ou pouco usados: *mesnada, mesnée; meison, maison; oeta, guéta, ouate; loba, l'aube; buere, cabellos, boucle; bojar, boyer; marchante, marchand*.

E', em geral, por intermedio do francez que hoje importamos os neologismos inglezes, gregos, allemães e até italianos; é tão grande e profunda a influencia do francez que quasi ella só explica a differença do estylo, composição e vocabulario entre a lingua classica e a linguagem corrente.

Italiano. — Os classicos do seculo XVI, os *quinhentistas*, tinham grande cultivo do italiano, e introduziram modismos e termos d'essa lingua. Mas onde a influencia do italiano é principal, é no vocabulario das bellas artes.

São de origem italiana: *pagem, pasquim, concerto, allegro, soneto, duetto, terceto, saltimbanco, tramontana, casamata, soprano, contralto, tenor, caricatura, aquarella, burlesco, arlequim, bravo, adagio, piano, banquete, allerta, allarma, carnaval, charlatão, grotesco, regala, terra-cotta, madrigal, diletante, gondola, gazeta, paladino, fanfreluche*, etc.

Muitos d'esses vocabulos datam do seculo XVI, como *soneto*, *madrigal*, *terceto*, etc. Alguns ainda são anteriores, taes como os termos de marinha: *tramontana* (estrella), *caravela*, *sotavento*, *julavento*, *all'erta*, *all'arme*, etc. Note-se o diminutivo *casino*, de *casa*, habitação de recreio ou de campo. F. Diez approva a etymologia *marsapão*, de *Marzapane*, do nome do inventor *Marzo*, fôrma a que se confundiu com a de *massa*.

Ha italianismos de orthographia portugueza e prosodia etymologica, *polichinello* (pulcinello). Ha casos de prosodia portugueza com orthographia italiana, *imbroglio*, que não é uso pronunciar *imbrolhio*.

Do velho italico ou greco-italico não podemos tratar neste logar, pois se confunde com o latim. Citemos, p. ex., *Bronze de Brindisi*. (1)

Inglez. -- As dicções inglezas, em geral, são termos de industrias, de arte naval, de jogos, etc. Na maior parte foram adoptadas com a orthographia propria: *tunnel*, *tramway*, *sport*, *club*, *meeting*, *lord*, *roast-beef*, *fashionable*, *water-proof*, *water-closet*, *high-life*, *great attraction*, *rail*, *tender*, *gentleman*, *jury*, etc.

Alguns termos, principalmente os antigos, foram adoptados com a fôrma vernacula, como confortavel (*comfortable*, de origem latina), enchorar (de *a shore*), redingote (*riding-coat*), moção (*motion*, de origem latina), boiar (*buoy*). Com a fôrma vernacula notam-se os anglicismos, termos de marinha: *gurupés*, *bowsprit* (*bug*); *bolina*, *bow-line*; *hiate*, *yacht*; alguns são originariamente portuguezes.

Muitos vocabulos inglezes representam estados alterados do elemento francez, como: *fashion*, de *façon*; *commodore*, de *commandeur*, que veiu provavelmente do portuguez *comendador*; *jockey*, diminutivo de *Jacquet*, de *Jacques*. Segundo Peggés, *pamphlet* é uma corruptela anomala de *palme-feuillet*.

Allemao. — O elemento allemão moderno é pouco intenso; alguns vocabulos foram introduzidos pelo francez. Exemplos mais notaveis, *cobalto*, *bismutho*, *gaz*, *nickel*, *quartz*, *escravo* (*slavo*), *talco*, *zinco*, *walsa*, *wagon*, *talweg*, etc.

Tanto o inglez, como o allemão, podem figurar como partes do elemento germanico da 2ª época, isto é, do que influuiu depois de constituída a lingua. A palavra *esthetica* é

(1) E' ainda um problema. Leia-se como excursão o que escreveu W. W. Skeat — *Notes on etymol.* 18-20.

grega, porém foi formada por um philosopho allemão, Baumgarten. O termo *gaz* foi inventado por Van Helmont.

Espanhol. — Os elementos espanhóes que penetraram na lingua, fundiram-se com os elementos vernaculos pela extrema semelhança que conservavam entre si, de sorte que só relativamente em poucos casos se pôde affirmar a origem espanhola de um vocabulo. São castelhanos: *palomita*, *hediondo*, *trecho*, *seguidilha*, *cachucha*, *castanhola*, *bolero*, *habanera*, *savana*, *el-dorado*, etc.

Algumas vezes pôde determinar-se a origem espanhola do vocabulo pela analyse phonetica. O *f* latino transcripto pelo *h* espanhol: *filius*, *hijo*; *facere*, *hacer*. Por essa razão *hediondo* é termo espanhol, derivado de *fastidundus*; a fórma portugueza seria *fetibundo*. Semelhantemente, o grupo *ct* latino é representado por *ch*, *lacte*, *leche*; *octavo*, *ochavo*; por conseguinte, *tractus* só no espanhol produziria *trecho*. Ainda a phonetica revela que o *pl* latino no espanhol é *ll*: *plorare*, *llorar*; *plicare*, *llegar*. Dest'arte o termo portuguez *lhano*, de *planus* (*ll=lh*) é de origem espanhola; a fórma portugueza seria, como é, *chão*, analogo a *chorar*, *chegar*.

São esses elementos os que maior quinhão offereceram á constituição do lexico portuguez; mas seja-nos licito recordar alguns casos secundarios de outros elementos, aliás importantes.

O **celtico** foi a lingua primitiva da peninsula. Os vestigios do celtico não são abundantes, mas são caracteristicos: *abra* (no francez *havre*); *penha*, que tambem apparece com a fórma *pena*: *Pen'alva*, *Penafiel*; a palavra *dur* (rio) nota-se em *Douro*; *dun* (montanha), em *duna*. A palavra *bala*, lago ou remanso fluvial, nota-se em *Setubal*. A palavra *branco* provavelmente origina-se do radical celtico *ban*, branco, adoptado pelos godos.

Mas, para alguns desses nomes ha duvidas sérias quanto ás origens.

O **hebraico** influíu principalmente por intermerdio da Biblia. São termos hebraicos: *abbae*, *amen*, *gehenna*, *alleluia*, *hosannah*. *Cherubim*, plural de *cherub*; *seraphim*, plural de *seraph*. *Jeovah*, *jubileu*: *Leviathan*, *samão*, sino *samão* = sino *Salomão*, *manná*, *sabbado* e *sabbatah*, *saphira*, etc. A palavra *alleluia*, consta de dous elementos: *allelu* (louvae com alegria), *lah* (o que será: — Deus).

Russo. — *Caleche*, *steppe*, *versta* (medida linear).

Hungaro. — *Coche, cocheiro* (de *Kotezy*, all. *kutscher*), *sutache* (fr. *soutache*, de *szuszak*), e o termo *hussard*, de *hussar*, que significa *vigesimo*, derivado do arrolamento militar de camponeses, fundado por Mathias da Hungria em 1457. (V. *Stappers*.)

Turco. — São vocabulos turcos: *janizaro, odalisca, khan, divan, caftan, bey, pachá, padichá*, etc. Do turco notem-se o composto *bergamota* (de *bey*, rei ou rainha; *armud*, pêra) e *odalisca*, derivado de *oda*, camara.

Persa. — Grande parte dos vocabulos persicos vieram por intermedio do arabe. Exemplos de termos persicos: *azul, julepo, ponche, bazar, caravana, balcão, esmeralda, jasmim, musgo, sarabanda, satrapa, turbante, tulipa, tafetá*, etc. O termo *paraíso* (*pairideza*) é persico e foi introduzido no grego por Xenophonte, e depois aproveitado pelos traductores da biblia hebraica para verter a expressão *Eden*, que tambem foi adoptada.

Asiaticismos. — Notam-se numerosos, da India: *columin, saraça, pagode, fakir, rajah, culi* ou *coolie* (através do inglez), *juncto, lascarin, nababo, palanque, cachemira, corja, madrasta, madapolão, musselina, pariah*, etc. Da lingua chinesa: *nankin, chá* (*tsé*), *hyson, setim*.

Americanismos. — Das republicas espanholas: *pampas, cochilas, jalapa e chocolate* (ambos do mexicano); *alpaca, condor, caimão*.

Do tupi-guarani: *jaguar, taba, tapera, pipóca, coivara, ca-poeira, jararacussú, ipueras, mandioca, mingão*, etc.

Lingua antiga

O mesmo contacto de povos e de idéas novas, por um lado, enriquece o lexico e, por outro, d'elle desterra locuções e palavras antigas que caem em desuso ou são literalmente esquecidas. Embalde para revocal-as á vida esforçam-se os eruditos, os letrados e os grammaticos; quasi sempre sem exito. E' da propria indole das linguas essas perdas e re-novações constantes, que são como o signal da sua nutrição e vida.

Em geral, o ARCHAISMO representa cousas que não existem, expressões que foram substituidas, necessidades de civiliza-ções e de edades que já desapareceram, ou matizes de idéas

que outros vocabulos representam com maior precisão. A's vezes estão entre os archaismos certas fôrmas grammaticaes que a analogia ou outra tendencia logica destruiu em proveito da uniformidade, e da euphonia.

Não se pôde dar vida a palavras que não correm na linguagem presente; é facto, porém, que um ou outro vocabulo que ainda tem curso nas provincias ou nas colonias, pôde por natural expansão readquirir a intensidade de vida que d'antes possuia.

São exemplos de archaismos:

Substantivos e adjectivos. — *Hostes*, inimigos; *heréo*, herdeiro; *incréo*, incredulo; *communal*, commum; *lidimo*, legitimo; *ucha*, arca; *infançon*, moço fidalgo; *avença*, concordia; *fazenda*, negocio ou sentimento; *manceba*, mulher joven; *cuidança*, cuidado; *naviamento*, navegação; *primente*, primeiramente; *visindade*, vizinhança; *livridõe*, liberdade; *similidõe*, similitude; *segre*, seculo; *malo*, mão. D'estes citados alguns são ainda usados com discrição.

Entre esses archaismos, convém notar os participios em *udo*: *recebudo*, *estabelegudo*, da 2ª conjugação. D'estes participios ha tres vestigios ainda usados: *teúdo*, *manteúdo* e *conteúdo* (tido, mantido, contido). Notem-se os archaismos resultantes da incerteza de suffixos na derivação: *soffrença* e *soffrimento*; *livridõe* e *liberdade*; ainda possuímos *nascença* e *nascimento*, que não se archaizaram.

O archaismo *avença* (concordia) deixou um vestigio em *desavença*. O archaismo *heréo* ocorre na expressão *terra d'heréo*. *Ucha* sobrevive em *ucharia*, etc. *Malo* sobrevive na expressão: *Pedro das malas artes*.

Verbos. — *Jeitar*, lançar; *endurentar*, endurecer, soffrer; *conquerer*, conquistar; *emprir*, encher; *chantar*, plantar; *catar*, olhar; *trebelhar*, brincar, etc.

Entre esses archaismos, notemos algumas fôrmas verbaes, como: *andades*, *recebedes*, por *andais*, *recebeis*, e do que temos vestigios nos verbos monosyllabicos: *lêdes*, *tendes*, *vindes*, etc.; as fôrmas do subjunctivo *mettir*, por *metter*; note-se igual flexão, ainda viva, no futuro *vir*, de *vér*.

Notemos que alguns verbos deixaram vestigios. *Jeitar* (fr. *jetter*) sobrevive nos compostos *rejeitar*, *deitar*, *sujeitar*. *Catar* observa-se em *cata-cégo*, *cata-vento*. — *Coitar* (magoar) nota-se em *coitado*, etc.

Particulas. — *Aður*, apenas; *assuso*, acima; *ajuso*, abaixo; *acasuso* e *ajuso*; *hogano*, este anno; *enxano* (*ex-anno*), cada

anno; *ooyte*, ontem; *acaron*, na frente; *trementes* (dum interim), emquanto; *entonces*, então; *de vegada*, de uma só vez; *aramá*, em má hora; *por ende*, porém; *ende*, ainda; *samicas*, por ventura; *ca e car*, porque; *macar*, máo grado; *teste*, cedo.

Estas particulas são curiosas, sob o aspecto da etymologia: *aramá* (hora mala), opposto a *embora* (boa hora). *Hogano*=hoc+anno. *Car e ca*, de *quare*, latino.

A particula *ende*, deixou um vestigio em *porém*, de *por ende*, e mais a fórma *em* nas locuções:

Em que peze a...

(*Ende que péze a...*)

Ha, ainda, *archaismos de idéa* nos vocabulos e dizeres: uma *peça* de tempo, e outros semelhantes, como: *tanger* (referir-se); *torto*, no sentido de injustiça ou damno; *guardar*, no sentido de considerar; *conversação*, no sentido de conversão; *demanda*, no sentido de *pergunta*; *botica*, no sentido de loja ou venda qualquer. Mas nem sempre as palavras antigas são substituídas por outras novas que trazem tal ou qual identidade de sentido. As que têm maior vitalidade, persistem, porque basta a mais leve differença entre umas e outras para que se impenha a necessidade de ambas. Por isso, quando os escriptores do seculo XV e XVI, por influxo da cultura classica, tiraram do latim novas expressões, as antigas não desappareceram, porque com o tempo já tinham adquirido sentidos novos, que no antigo latim não possuíam. Algumas, e poucas, se perderam (como *segre* ao lado de *seculo*), porque não haviam modificado a significação.

Allotropismo

Esses vocabulos antigos e os novos que concorrem na linguagem, e têm derivação commum, chamam-se FÓRMAS DUPLAS OU FÓRMAS DIVERGENTES. E' o phenomeno tambem chamado de *allotropia*.

Taes são *magoar*, antigo, e *macular*, moderno, ambos oriundos do termo latino *maculare*.

E' digno de nota que um d'elles é formado espontaneamente na lingua pelo povo, e é o mais alterado: *magoar*; e outro, formado pelos eruditos, conserva com maior exactidão a fórma primitiva: *macular*.

O caracter differencial entre as fórmãs eruditas e as populares consiste, pois, em que estas apresentam maior alteração e desvio do typo primitivo, do que aquellas. Comparando as fórmãs divergentes: decimo e dizimo, de *decimus*; primario e primeiro, de *primarius*; recitar e rezar, de *recitare*; legal e leal, de *legalis*; é facil concluir que as fórmãs eruditas, *decimo*, *primario*, *legal*, *recitar*, são as mais fieis aos seus etymos; e, ao contrario, as fórmãs populares, *dizimo*, *primeiro*, *rezar*, *leal*, são as mais corrompidas.

As fórmãs divergentes receberam o nome de duplas (*doublés*), porque, em geral, apresentam-se duas, uma popular, outra erudita: *operar* e *obrar* (de *operare*). Ha, porém, exemplos de tres ou mais fórmãs divergentes: magoa, mancha, macula (de *macula*); as duas primeiras são populares; a ultima, erudita.

Fórmãs duplas ou allotropicas

POPULARES	ERUDITAS	ORIGENS LATINAS
Sarar	sanar	<i>sanare.</i>
Sello	sigillo	<i>sigillum.</i>
Gruta	crypta	<i>crypta.</i>
Coalhar	coagular	<i>coagulare.</i>
Feito	facto	<i>factum.</i>
Rezar	recitar	<i>recitare.</i>
Arela	arena	<i>arenam.</i>
Conceição	concepção	<i>conceptionem.</i>
Mezinha	medicina	<i>medicinam.</i>
Prenda	prebenda	<i>præbendam.</i>
Bexiga	vesicula	<i>vesiculam.</i>
Pardo	pallido	<i>pallidus.</i>
Deão	decão	<i>decanus.</i>
Cabido	capitulo	<i>capitulum.</i>
Chão	plano	<i>planus.</i>
Quaresma	quadragesima	<i>quadragesima.</i>
Auto	acto	<i>actum.</i>
Atrever	attribuir	<i>attribuere.</i>
Gozo	gaudio	<i>gaudium.</i>
Desenhar	designar	<i>designare.</i>

Contam-se por milhares, mas esses exemplos são suficientes para mostrar com toda a clareza o phenomeno.

Essas divergencias lexicas offerecem casos especiaes, dignos de analyse.

1. Muitas vezes as fórmas divergentes resultam de uma palavra archaica e de outra vigente, *segre* e *seculo*, de *seculum*; *segre* é hoje archaico. *Geolho* e *joelho*, de *genuculum*; a fórma *geolho* desapareceu, sem embargo de ser a mais perfeita.

2. As fórmas divergentes, em certos casos, são produzidas pela deslocação do accento: *polpa* e *polypo*, de *polypus*; *Isidro* e *Isidoro*, de *Isidorus*; *guitarra* e *cythara* (antigo *cedra* e *citola*), de *cythara*; *Tiago* e *Jacob*, de *Iacobus*. O *t* inicial de *Tiago* provém de outra palavra: *Sant'Iago*.

3. As fórmas divergentes, algumas vezes, resultam de derivações simultaneas do nominativo e accusativo dos imparissyllabos: *serpe*, de *serpens*, e *serpente*, de *serpentem*; *sabio*, de *sapiens* (*sapius*) e *sapiente*, de *sapientem*.

Este facto é largamente exemplificado em muitos vocabulos. Podemos observalo de varios modos. Além dos exemplos citados, convém notar os seguintes, mais ou menos contestaveis. *Honra* e *honor*, *sabio* e *sabente* (*sapiens*); *sãibo* e *sabor* (sapor); *pavo* e *pavão*; *erro* e *error* (error); *Felix* e *feliz* (feliz); *tredo* e *traidor* (traditor); *travó* e *travor*; *chantre* (do francez) e *cantor* (cantor); *fésso* (pop.) e *fedor* (factor); *ração*, *razão* e *raso* (Vit. *Eluc.* ratio); *ladro* e *ladrão* (latro). Estes exemplos devem ser ainda convenientemente criticados. Exemplos innegaveis são *iman*, do nominativo *adamas*, e *diamante*; *ezypa* (pop.) e *erysipela*; e alguns nomes do zodiaco, *Léo* e *Leão*; *virgo* e *virgem*; *scorpio* e *scorpião*, etc. Note-se ainda que pôde um termo germanico latinizado dar fórmas duplas, *palç*, *palco* e *balcão* (talvez augmentativo).

4. As palavras divergentes são produzidas, embora em raros casos, pela introdução de uma fórma estrangeira de origem identica á da fórma vernacula. A fórma espanhola *lhano*, a italiana *piano* e a portugueza *chão* derivam da mesma origem latina, *planus*. A fórma italiana *soprano* e a portugueza *soberano* derivam de identica fonte, *superaneus* (lat. barbaro). A fórma franceza *chefe* e a portugueza *cabo*, derivam de *caput*.

Convém notar, por fim, que as fórmas divergentes não se referem sómente ao elemento latino, embora as fórmas latinas sejam mais numerosas e tenham servido de exemplares aos classicos. Tambem se observam fórmas divergentes no

elemento arabe: *rez* e *arraiz*, de *ar-raz*; *zero* e *cifra*, de *zifr*; *auje* e *apsides*, de *audj*; *azimut* e *zenit*, de *assemi*. Como se vê, a divergencia aqui resulta ás vezes da presença ou omissão do artigo *al*: *raz* e *ar-raz*; *sem*, *as-sem*.

A fôrma *zifr* foi alatinada na fôrma *zephyrus*, que produziu *zero*.

Observam-se igualmente algumas divergencias entre vocabulos de origem germanica: *léste* e *este*; *espuma* e *escuma*; *baluarte* e *boulevard*. A fôrma *léste* (l'este) formou-se pela anteposição do antigo artigo *lo*. A fôrma *boulevard* é franchezza e recente.

Não estão apenas entre as fôrmas *allotropicas* as criações literarias de vocabulos novos; o lexico ainda enriqueceu-se, afóra a synonymia d'aquellas, com a introdução de locuções e expressões novas, a que chamamos **neologismos**.

Duas épocas principaes de criação tiveram as palavras novas.

A primeira época foi a dos fins do seculo XV ao seculo XVI, a idade na qual floresceram os nossos maiores classicos, á maneira italiana chamados *quinhentistas* ou do seculo de quinhentos: Camões, Barros, Sá de Miranda, Ferreira, etc. Estes escriptores approximaram a lingua do latim, criando vocabulos, corrigindo as fôrmas que lhes pareciam defeituosas, e organizando a grammatica.

Os quinhentistas reformaram o vocabulario, adoptando as fôrmas alatinadas: *livramento* ou *liberdade*, pelo antigo *livridõe*; *irado*, por *sanhudo*; *legitimo*, pelo ant. *lidimo*; *imaginar*, pelo ant. *maginar*, etc. Criaram os superlativos **em issimo**, como no latim: *rigorosissimo*, *estranhissimo*, etc. Esses superlativos até o seculo XV não existiam como faculdade da lingua. Occorriam apenas as fôrmas: *santissimo*, *christianissimo*, *grandissimo*, e ainda assim sómente applicaveis aos reis ou a autoridades supremas. Proscreveram quasi totalmente as abundantes *negativas* emphaticas, caracteristicas do periodo anterior: *nenhum nom* morreu (F. Lopez). Approximaram a syntaxe portugueza da latina augmentando as inversões e antitheses. Não só isto. Proscreveram os classicos o uso de qualquer syntaxe contraria á do latim. Assim, condemnaram o uso do participio presente pelo passado, que se encontra em Zurara e Lopez. "Havia rosto formoso e parecete corpo".

Essa latinização foi realizada, é também verdade, por influencia das letras italianas, que governavam a literatura portugueza.

Damos aqui uma lista de palavras reformadas ou criadas pelos quinhentistas. (1)

Palavras que não existiam antes do reinado D. Manoel

SUBSTANTIVOS:

Afflicção	Conjectura	Milhão
Allivio	Crueldade	Motivo
Angustia	Desculpa	Obstaculo
Architecto	Desordem	Official
Audacia	Escriptor	Ponderação
Aurora	Ignominia	Sagacidade
Auxilio	Investigação	Transacção
Ciume	Maledicencia	

ADJECTIVOS:

Affavel	Incredulo	Postumo
Alienado	Iracundo	Rebelde
Colerico	Magnanimo	Resplandecente
Continuo	Negligente	Superno
Desejoso	Nescio	Ultrajado
Difficil	Necessitado	Valoroso
Esplendido	Penoso	
Imaginario	Proprio	

VERBOS:

Arguir	Criticar	Fulminar
Castigar	Discorrer	Restituir, etc.

Esta lista merece exame e critica; é pouco abundante, mas serve para dar idéa da pobreza da lingua, antes dos quinhentistas.

O trabalho dos *classicos* foi continuado, e mal, na poesia, pelos *Arcades*, poetas do seculo XVIII, que criaram varios

(1) *Mem. litt. port.* (da Acad., t. IV-36-62).

termos compostos: *aurilavrado*, *levipede*, *capribarbicornipede*, *ignivomo*, *flammiifero*, etc., em geral de máo gosto.

Os escriptores brasileiros tambem têm contribuido para a riqueza da lingua. Odorico Mendes aportuguezou ou criou fórmas como: *olhicerulea* Deusa (de olhos azues); *galeato* Achilles, etc.; José de Alencar formou varios vocabulos: *garular*; *inhale* (adjectivo); *afflar* o leque; *elancar* (do francez), etc. (1)

A segunda época da criação de palavras novas é caracterizada nos tempos modernos pela organização das sciencias e pela solidariedade e interesses communs dos povos.

A tecnologia scientifica foi toda formada do grego: *photographia*, *telephone*, *chiroptero*, etc.

Estes *neologismos* não foram directamente formados por escriptores da lingua vernacula. Foram introduzidos por influxo do francez, do inglez ou do allemão; comtudo, *necroterio* foi criado no Brasil.

Geodesia	-- <i>Gê</i> , terra+ <i>daíó</i> , eu divido. Sciencia de medir a superficie.
Physionomia	-- <i>Physis</i> , natureza+ <i>gnomon</i> , indicador.
Heterodoxo	-- <i>Heteros</i> , differente+ <i>doxa</i> , opinião.
Pantographo	-- <i>Pas</i> (pantos), todo+ <i>graphô</i> , eu escrevo.
Pathologia	-- <i>Pathos</i> , molestia+ <i>logos</i> , sciencia.
Thermometro	-- <i>Thermos</i> , calor+ <i>metron</i> , medida.
Telegramma	-- <i>Tele</i> , longe+ <i>gramma</i> , escriptura, caracteres.
Chrestomathia	-- <i>Chrestos</i> , bom+ <i>mathein</i> , instruir-se, aprender.

Dos termos gregos convém notar que muitos não são de formação moderna, e existiam já no grego classico, taes são: *pedagogo* (*paidagôgos*), *automato* (*automatos*), *apocalypse* (*apokalupsis*), *mathematica* (*matématikos*), etc.

Por isso não deixam de ser *neologismos*; mas não são criações modernas.

O maior defeito das criações vocabulares modernas e que provém da ignorancia dos que as introduzem, é o hybridismo. Chama-se *hybridismo* o vocabulo composto de elementos tirados de linguas diversas. Quando o hybridismo é popular e de uso vulgar, força é admittil-o. Os eruditos, porém, devem formar as palavras de elementos homogeneos, tirados do

(1) *Afflar* já se encontrou em M. Bernardez — *Nova Floresta*.

mesmo idioma. Por isso são os *hybridismos* scientificos condemnados pelos puristas e grammaticos.

- Heliogravura* — Formado do grego *helios*, sol, e do latino *gravura*. A fórma mais correcta seria *heliographia*. Do mesmo modo *photogravura* é hybridismo por conter um elemento grego e outro latino.
- Burocracia* — Formado do francez *bureau* (l. *burelum*) e do grego *kratos*, poder. A fórma correcta seria talvez *synedriocracia*.
- Sociologia* — Hybridismo criado por Augusto Comte. O primeiro elemento é latino, o segundo é grego.
- Zincographia* — O primeiro elemento *zinco* é allemão, o segundo é grego.
- Monoculo* — De *monos* (isolado, grego) e *oculos* (olho, latim). D'esse typo são *deci-metro*, *milli-metro*, etc.

Por esse modo, como rapidamente descrevemos, formou-se a lingua portugueza, enriquecendo, o dictionario de termos estranhos ou de criações novas, ora esquecendo, ora chamando á vida locuções e dizeres que o povo guardou intactos ou a literatura ennobreceu e poliu; no meio, porém, de todas as vicissitudes e tyrannias da conquista, da moda e do ultraje do tempo, conservou até hoje a physionomia latina, á qual a fortuna da America reservará uma nova e duradoura juvenidade.

Effectivamente, todos os processos idiomáticos do portuguez continuam com intensa actividade no Brasil, em cuja linguagem os termos regionaes de multipla origem, as importações exóticas e os neologismos compõem um vocabulario consideravel.

Accresce que a literatura brasileira reclama a independencia de expressão e hoje pouco ou quasi nada deve ás correntes portuguezas, em materia de criação ou de vernaculidade.

XXII

Palavras variaveis formadas no seio da lingua

Sendo a lingua romanica dotada de todos os processos de derivação, abundantemente rica de suffixos, não admira que, em seu proprio seio, se formasse numero grande de vocabulos de todas as categorias grammaticaes. De facto, mais de um terço do lexico de qualquer lingua romana consta de formações originaes modernas, embora se baseiem em elementos já existentes no latim ou no grego.

1. — SUBSTANTIVOS E QUALIFICATIVOS

Grande numero de substantivos *communis* foram derivados de verbos. Taes foram: *choro*, de chorar; *chama*, de chamar; *tempera*, de temperar; *esmo*, de *esmar* (archaismo derivado de *æstimare*), etc.

Os nomes em *ença*, *ancia*, em grande numero formaram-se na lingua. Já no latim existiam *temperantia*, *prudencia*, etc.; no portuguez formaram-se *bonança*, *bemquerença*, *nascença*, *cuidança*, etc.

Os nomes em *ade* do latim, vontade (*voluntatem*), liberdade (*libertatem*), etc., serviram de typo a outras fórmulas originaes e proprias: *leviandade*, *mortandade*, *ruindade*, *irmandade*, etc.

Os nomes em *mento* do latim, fragmento (*fragmentum*), etc., serviram de norma aos neologismos: *pensamento*, *andamento*, *conhecimento*, *sentimento*, etc.

Os nomes em *agem* do latim, viagem (*viaticus*), selvagem (*silvaticus*), etc., serviram de modelo a creações novas: *linguagem*, *coragem*, *hospedagem*, *vantagem*, *paysagem*, *linhagem*, *ultrage*, etc.

Os nomes em *ão* do typo latino, mansidão (*mansuetudinem*), deram origem a formações numerosissimas e proprias do idioma: *escravidão*, *negridão*, *escuridão*.